

Fraga diz que créditos não voltam logo

■ Presidente do BC afirma em Nova Iorque que, pelo menos até junho, bancos estrangeiros vão evitar novos empréstimos ao Brasil

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON - O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, afirmou ontem em Nova Iorque que os bancos comerciais estrangeiros vão continuar evitando créditos para o Brasil até junho deste ano, pelo menos. Alguns analistas consideram a estimativa conservadora. Atualmente, a renovação de linhas de crédito dos bancos comerciais para o Brasil chega a 80% dos contratos, uma boa recuperação se comparados aos 45% de linhas que estavam sendo renovadas no pior momento da crise, entre o fim de janeiro e início de fevereiro. A meta do Brasil, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos países industrializados, que estão apoiando financeiramente o ajuste fiscal do país, é atingir um coeficiente de renovação de 100%.

Ontem, em Nova Iorque, no começo de uma viagem que ainda o levará para várias capitais europeias, na tentativa de convencer o setor comercial a participar voluntariamente do processo de reestabilização do Brasil, Fraga teve reuniões com investidores e banqueiros, a quem apresentou as metas acordadas entre o Brasil e o FMI.

"Ele (Fraga) falou sobre o acordo com o FMI e respondeu nossas perguntas", disse, satisfeito, Arturo Porzecanski, economista para América Latina da ING Barings, que participou de uma reunião com investidores na parte da manhã. "Disse que em janeiro apenas 50% das linhas de crédito e comércio foram renovadas, e que em fevereiro o número subiu para 80%".

Segundo Fraga, o nível de renovação deve permanecer abaixo de 100% nos primeiros seis meses. "Nada do que ele disse foi surpreendente, mas foi reconfortante," disse Paulo Vieira da Cunha, da Lehman Brothers. "Uma das nossas maiores preocupações é a velocidade da recessão. Também temos dúvidas se o governo conseguirá politicamente suportar o desemprego mais alto".

Enrique Meirelles, presidente do BankBoston, disse após seu encontro com Fraga, em reunião na hora do almoço, na sede do Federal Reserve Bank de Nova Iorque, que a reação dos banqueiros foi positiva. Segundo ele, daqui para frente, os bancos devem parar de reduzir o crédito para empresas brasileiras.

Amaury Bier, secretário de política econômica do Ministério da Fazenda, disse que o Citigroup também acenou ontem com disposição de aumentar seus investimentos no Brasil.

Paulo Leme, economista-chefe para mercados emergentes da Goldman Sachs, disse que é vital para o Brasil conseguir manutenção de um nível estável na renovação de créditos, porque "quanto mais forte for o fluxo de capital mensal, mais rápida será a recuperação tanto da taxa de câmbio quanto as tentativas para reduzir as taxas de juro".